



DA INFÂNCIA POBRE AOS CAMPOS: A ASCENSÃO SOCIAL DE JOGADORES DE FUTEBOL PROFISSIONAL

Carlos Eduardo Senareli Teixeira

Universidade do Porto – Portugal

Resumo: Esta pesquisa tem o objetivo de analisar o discurso de jogadores de futebol, em atividade, que emergiram socialmente, mediante a prática profissional desse esporte, para tentar identificar se há relação entre suas atitudes e o fato de eles serem oriundos de famílias com baixa renda. A metodologia utilizada foi a técnica de análise documental de conteúdo. Optou-se pela interpretação de reportagens da fonte primária revista *Placar*. A partir do levantamento das revistas citadas, foram selecionadas 19 entrevistas de jogadores de futebol profissional divididas nas seguintes categorias: ascensão social; mau comportamento dentro e fora de campo; bom comportamento dentro e fora de campo. Nota-se por meio da análise que não existe qualquer relação entre o comportamento dos jogadores de futebol entrevistados pela revista *Placar* e o fato de eles serem oriundos de famílias humildes.

Palavras-chave: cultura; esporte; futebol.

INTRODUÇÃO

A partir da observação de reportagens pelos meios de comunicação em que figuravam constantes aparições de jogadores de futebol, reconhecidos socialmente não só pela fama e pelo sucesso dentro do futebol, mas também por alguns de seus comportamentos, surgiu a ideia do presente estudo, que tem como objetivo analisar o discurso de jogadores de futebol em atividade, que emergiram socialmente por meio da prática profissional desse esporte, a fim de tentar identificar se há uma possível relação entre as atitudes e o modo de vida desses jogadores. Notou-se que muitos desses jogadores são caracterizados como indivíduos que saíram de um meio social de baixa renda, para se tornarem pessoas de prestígio social, adquirido por meio do esporte mais praticado no Brasil e com grande visibilidade nacional e mundial.

É importante salientar que o escopo dessa pesquisa não é julgar comportamentos de jogadores de futebol, tampouco apontar o que seria bom ou ruim para eles diante da sociedade, mas analisar alguns discursos de atletas que emergiram socialmente na profissão de jogador de futebol (no que diz respeito à vida financeira e reconhecimento social), de forma rápida, quando comparado a outras profissões.

A pesquisa utilizou, do ponto de vista metodológico, a técnica de análise documental de conteúdo, interpretando reportagens da fonte primária, a revista *Placar*. Trata-se de uma técnica voltada para produção de inferências a partir de um texto focal.

IDENTIDADE CULTURAL

De acordo com Ewald e Soares (2007), o processo de formação do indivíduo, e o seu desenvolvimento como sujeito histórico e social, é constantemente objeto de reflexão por parte da psicologia, da sociologia e da antropologia. Logo, segundo Heller (apud EWALD; SOARES, 2007), é preciso refletir sobre a nossa condição de intelectuais e cidadãos. Condição essa que nos leva às perguntas do tipo: como se deve pensar, agir e viver?

Faz-se necessário uma discussão sobre o processo de construção do ser humano, bem como sobre a relação entre indivíduo e sociedade e entre identidade e cultura, os quais, são temas que nos remetem para uma discussão em que estamos, existencialmente inseridos.

Ewald e Soares (2007, p. 24) questionam: “o que é, portanto, isso que chamamos de identidade? O que nos faz igual e diferente de um e de muitos?”.

Primeiramente, a identidade se caracteriza pelo o que é idêntico, porém ao usarmos o termo relacionando-o à existência subjetiva, ele ganha em sentido de permanência e continuidade. O termo identidade cultural acentua a dimensão intersubjetiva da identidade pessoal. Logo, é notória a relação entre identidade pessoal e cultural, pois a cultura pode ser pensada como unidade que orienta a ação de uma comunidade. Para pensar em identidade é importante partirmos de uma essência compartilhada, ou seja, semelhante e comum. Ewald e Soares (2007, p. 24) afirmam que “na formação da sua singularidade, o si mesmo, cada um compartilha valores e crenças da sua comunidade, não se afasta do seu tempo, do seu sexo, da sua condição”. Assim, a identidade pessoal nos faz sentir tão próximos de nós mesmos. Quando nos referimos à identidade, falamos de zonas de compartilhamento intersubjetivo com um grupo, com um time de futebol, com uma região geográfica, com uma opção ideológico-política etc., porém sempre há, também, o espaço para a singularidade.

É observado em situações-limites como a guerra, segundo Ewald e Soares (2007), que aquelas nações envolvidas deixam de lado suas diferenças internas, se fechando por uma identidade que as unifica, ou seja, os indivíduos se tornam mais nacionalistas.

Assim, identidade cultural pode ser pensada como uma forma de mediação entre o indivíduo e a sociedade, pois a cultura é um horizonte de significações e unidades expressivas que orientam a ação individual e que participam da construção de cada um como pessoa.

A identidade cultural também se refere à semelhança, à permanência ou ao reconhecimento, por parte da sociedade, de algo que o indivíduo realiza, conferindo-lhe lugar na estrutura social e definindo seu pertencimento a um grupo.

Ainda de acordo com Ewald e Soares (2007), no processo de interiorização de ideias por qual todos passamos, há um momento em que se chega ao elo efetivo, criador de laços entre os indivíduos e a comunidade de destino de cada um. Em outras palavras, atingimos aquela comunidade eleita como o lugar ao qual pertencemos e nos sentimos integrados a ela. Assim, as atitudes realizadas por cada pessoa tem seu ponto de referência na ideia de mundo do grupo de pertencimento e os horizontes dessa noção de mundo são definidos pelo mesmo grupo.

Já Berger e Luckmann (1985) afirmam que um membro da sociedade simultaneamente exterioriza seu próprio ser no mundo social e interioriza esse mundo como realidade objetiva. A interiorização constitui a base da compreensão de nossos semelhantes e da apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido. O indivíduo não nasce membro de uma sociedade, mas predisposto à sociabilidade. Essa apreensão começa quando o indivíduo assume o mundo onde os outros já vivem, somente após certo grau de interiorização o indivíduo tornar-se-á membro de sua sociedade.

A CULTURA DE MASSA

Segundo Morin (2005), já no início do século XX, o poder industrial se expandiu por todo o mundo com o apogeu da dominação asiática e da colonização africana. Teve início a segunda industrialização, aquela que se processa nas imagens e nos sonhos. A “nova África” começou a agitar a indústria do cinema.

Essa cultura, que é proveniente da imprensa, do rádio, da televisão, do cinema, projeta-se e desenvolve-se juntamente com as culturas clássicas e nacionais. É então dominada pela sociologia americana na Segunda Guerra Mundial, e denominada *mass culture* ou cultura de massa.

A cultura de massa foi produzida de acordo com as normas da fabricação industrial, propagada pelas técnicas de difusão maciça, chamada de *mass media*, com

o objetivo de alcançar uma massa social, ou seja, uma grande quantidade de indivíduos das estruturas internas da sociedade.

Para uma crítica de esquerda, a cultura de massas é um ópio do povo ou um desvio das massas de seus verdadeiros problemas, por parte do capitalismo. Mesmo com toda crítica, a cultura de massa é considerada como mercadoria cultural ordinária.

Rouanet (2010) afirma que a mídia e a indústria cultural moldaram a opinião, produzindo um conformismo generalizado e uma atrofia da consciência crítica (induzida pelo clima de psicologia de massas), fatores esses decisivos para a produção de consenso. Cita-se como exemplo, os canais de televisão norte-americanos que alteraram notícias sobre a guerra, difundindo a informação de regozijo popular iraquiano, enquanto em outros países, os canais apresentavam imagens de iraquianos manifestando-se contra as tropas de ocupação.

Conforme Ortiz (1986), a indústria cultural é narcotizante e se realiza como entretenimento, uma vez que o público, ao se divertir, é captado pelo fetichismo do produto, afastando-se de qualquer atitude reflexiva. A indústria cultural aparece como uma fábrica de bens culturais, comercializados a partir de seu valor de troca. Para o autor, a cultura é algo fabricado, nela os indivíduos são manipulados para se conformarem com o papel de consumidores no mercado de bens culturais. O traço característico dessa indústria cultural é a padronização; o indivíduo é reduzido a um material estatístico, determinado pelas empresas e deve se comportar de acordo com seu nível no consumo dos produtos de massa.

CAMPOS ESTÉTICOS DA CULTURA DE MASSA

A cultura de massa é produzida industrialmente, distribuída no mercado de consumo e registrada no lazer moderno e se apresenta sob diversas formas, como os jogos de futebol sob a forma de espetáculo. A manifestação dos conteúdos imaginários da cultura de massa dá-se, principalmente, por meio dos espetáculos e a relação de consumo imaginário é estabelecida por meio do estético.

O consumo do mundo imaginário não é realizado apenas sob a forma de cultos, mitos, espíritos, mas também sob a forma de espetáculos. As trocas entre o real e o imaginário nas sociedades modernas acontecem de modo estético por meio das artes, dos espetáculos, romances, entre outros. A cultura de massa é considerada por Morin (2005), como a primeira da história a ser totalmente estética, mesmo com seus mitos religiosos é uma cultura fundamentalmente profana.

Os diferentes níveis do imaginário são encontrados nas grandes mitologias, nas quais cada uma possui sua própria estrutura. A relação entre os homens e o imaginário é de orientação de cada cultura, a qual é constituída de um sistema que irriga

a vida real do imaginário e o imaginário da vida real. Essa irrigação se dá pelo duplo movimento de projeção e de identificação, uma vez que o imaginário apresenta-se como um sistema projetivo que permite também a identificação mágica, religiosa ou estética. Morin (2005, p. 81), afirma que “Há sempre certa libertação psíquica em tudo o que é projeção, isto é, a expulsão para fora de si daquilo que fermenta no interior obscuro de si”.

O desenvolvimento dos campos comuns imaginários da cultura de massa ocorre no espaço. O máximo de público leva a cultura de massa a adaptar-se às diferentes classes sociais, para melhor compreender a especialidade da cultura de massa é necessário considerar seus temas, suas raízes históricas e sociológicas e sua difusão.

É importante também saber em que nível a cultura de massa tem por objetivo divertimento e evasão, compensação e purificação. Além disso, é necessário perguntar em que nível ela fornece modelos de vida dando forma e realce às necessidades, ou seja, em que grau a estética invalida e informa a vida prática.

ESPORTE E SOCIEDADE

Segundo Damatta (1994), não se pode discutir o futebol apenas sob um olhar sociológico, é preciso também questionar o significado do esporte no mundo moderno. De acordo com Murad (1995), os esportes, no mundo contemporâneo, mais precisamente de cem anos para cá, redefiniram sua posição como instituição social. Entretanto, foi somente após a Segunda Guerra Mundial que adquiriram importância de ponta numa escala crescente.

O esporte afirma valores capitalistas, como o individualismo e o igualitarismo, que ajudam na socialização de uma justiça burguesa universalista. Não foi por acaso que ele, como um domínio social, tenha surgido junto com o advento da sociedade industrial de mídia e de massa, para o funcionamento de uma sociedade baseada no conflito de interesse e na competição. Quase todas as modalidades esportivas tornam o confronto, o conflito e a competição matérias-primas, essas dissensões agora são institucionalizadas, programadas, planejadas e transformadas em um espetáculo.

Ainda segundo Damatta (1982), o esporte faz parte da sociedade tanto quanto a sociedade faz parte do esporte e ambos podem ser considerados duas faces da mesma moeda. Cada esfera social (trabalho, esporte, religião, rituais e política) é uma espécie de “filtro” por meio do qual a ordem social faz e se desfaz.

Portanto, o importante não é apenas discernir “funções” e “utilidades” do esporte em um dado sistema, mas também descobrir as implicações e consequências que esse domínio social classificado como “esportivo” permite vislumbrar.

FUTEBOL: ESPETÁCULO CULTURAL

O objetivo da sociologia do futebol é estudar os múltiplos jogos sociais presentes no futebol, bem como sua dimensão simbólica e não apenas o desporto dentro das quatro linhas. Damatta (1982) apresenta o futebol como um veículo para uma série de dramatizações da sociedade brasileira e analisando-o junto à própria sociedade. Para ele a compreensão sociológica desse esporte aumenta as possibilidades de interpretação da sociedade brasileira; o futebol é apropriado de maneiras diferentes nas diversas sociedades.

Para Murad (1995, p. 107), do ponto de vista sociológico, “o futebol possibilita a vivência prática das categorias de totalidade e de integralização da dialética complexa e contraditória entre o individual e o coletivo”. Já pelo ponto de vista psicológico, “permite, também, a vivência concreta da totalidade e da integralização dialética entre razão e emoção” (MURAD, 1995, p. 107).

No Brasil, o futebol assume uma dimensão ímpar justamente por ser uma das raízes centrais de nossa identidade. Esse esporte é repleto de significados, de simbologias e de valores para o homem em geral. Ele é um laboratório de observação e experiências, da afirmação de uma coletividade, sua assimilação e sua análise sociológica tornam-se, portanto, indispensáveis.

Para o povo brasileiro, o futebol é um misto de necessidades imediatas e práticas de luta para obtenção de resultados e objetivos, mas também é expressão da alegria e da arte popular. Ele permite fina sintonia entre coletivo e individual, dentro e fora de campo.

De acordo com Neves (1982), o futebol se apresenta também como indicador de uma democracia, seja racial, seja social. Qualquer indivíduo possuidor de qualidades individuais significativas para a prática desse esporte, pode atingir a notoriedade e a riqueza, sem restrições de origem social ou racial.

JOGADORES: ESPETÁCULO INDIVIDUAL

Segundo Lyra Filho (1983), o aumento de *performance* que o atleta busca a todo momento impõe-lhe o rigor de um treinamento voltado para o corpo e para a mente, com influências científicas de especialistas que possuem conhecimentos em determinados quadros da vida social, orgânica e fisiológica dos seres humanos. O conhecimento e a contribuição científica são indispensáveis aos atletas, e dessa necessidade surgiu uma ciência dos desportos, com a introdução de conhecimentos pedagógicos, psicológicos e biomecânicos, apoiados pela própria medicina esportiva.

O objetivo fundamental dos psicólogos, que atendem aos atletas, é o trabalho voltado para uma concentração mais apurada e uma redução dos efeitos da ansie-

dade. São levados em consideração, também, seus caracteres somáticos, além dos distúrbios orgânicos devido a influências e ao descontrole emocional decorrentes da conduta hostil de adversários.

Além de apontar como importante o treinamento realizado dentro de um clube, Lyra Filho (1983) também discute a preparação do atleta no seguimento discreto das suas atividades à margem da vida desportiva, nas horas presas em casa ou soltas na rua. Essa preparação do atleta é chamado de treinamento invisível, o qual preza por avaliar hábitos, como, as horas de repouso, as práticas sexuais, os derivativos noturnos, a alimentação abusada, as bebidas comprometedoras, o cotidiano familiar.

Os heróis modernos

De acordo com Helal e Murad (1995), em todas as civilizações, o mito dos heróis é uma constante, seja nas sociedades tribais, seja nas sociedades da era industrial, a figura do herói é uma referência para a formação e reforço da coletividade.

O herói é aquele que, a partir do mundo cotidiano, enfrenta obstáculos considerados intransponíveis, vencendo-os e após isso, retorna à sua casa. Mesmo se transformando em celebridade, o herói se diferencia, pois age para redimir a sociedade, não vivendo para ele mesmo. O herói por meio da luta, consegue ultrapassar os limites das condições históricas e pessoais, e existe nessa conquista um pouco de “redenção” e “glória” de um povo. O mundo moderno está repleto de heróis, com os quais sempre nos deparamos pelos meios de comunicação. Eles estão presentes em uma partida de futebol, em um filme, em um show musical etc. Há também os heróis das conquistas políticas e sociais, bem como os de histórias em quadrinhos. Cada sociedade percebe e recebe seus heróis de maneira diferente.

O esporte moderno é uma pródiga fábrica de heróis, principalmente o futebol, que se destaca como o esporte das multidões. O futebol brasileiro simboliza, no imaginário do povo, um caminho, um eficiente instrumento para a realização de suas esperanças e desejos, como a ruptura com a pobreza e o anonimato.

MÉTODO

Para atingir os objetivos dessa pesquisa foi utilizada a técnica de análise documental de conteúdo, por meio da interpretação de reportagens da fonte primária revista *Placar*. De acordo com Bauer e Gaskell (2002), a análise de conteúdo é um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas, trata-se de uma técnica voltada para produção de inferências a partir de um texto focal, as quais podem levar ao contexto social de maneira objetiva.

A revista *Placar* foi escolhida como fonte primária pelas seguintes características: (a) foi lançada no dia 20 de março de 1970 pela editora brasileira Abril, sendo a revista mais antiga voltada exclusivamente para o mundo esportivo e aparentemente, a única a dedicar-se apenas ao futebol (isso desde meados dos anos 1990, pois antes a revista publicava também reportagens relacionadas a outros esportes).

Escolheram-se como recorte as edições lançadas entre janeiro de 2009 (edição número 1.326) e dezembro de 2011 (edição número 1.361), num total de 30 (trinta) edições no período de três anos. Dessas edições, foram selecionadas entrevistas com jogadores de futebol de fama e de sucesso que apresentavam as seguintes categorias: ascensão social (infância pobre, mudança de vida e adaptação ao exterior); mau comportamento dentro e fora de campo (vida pessoal, noitadas, mulheres e rebeldia); bom comportamento dentro e fora de campo (ajuda aos jogadores mais novos, mudança de atitude e boa educação).

Após o primeiro levantamento, seguiu-se uma investigação nas 30 (trinta) edições escolhidas, realizando-se uma análise criteriosa, página por página. Foram selecionadas, ao final de toda a análise, 19 entrevistas de jogadores de futebol profissional, em cujos discursos haviam as características citadas anteriormente. Nem todas as 30 (trinta) edições continham entrevistas relacionadas à pesquisa, mas todas foram analisadas da mesma maneira.

ANÁLISE DOS DADOS

Todos os jogadores citados neste capítulo foram representados por números fictícios. Esses números foram escolhidos aleatoriamente, não havendo qualquer relação com os jogadores, tampouco com os números de suas camisas. Foram escolhidos nomes fictícios para que não fossem relacionados a outros jogadores que não os mencionados nas entrevistas analisadas, visto que isso poderia ocorrer, pois a quantidade de jogadores de futebol é muito grande.

A primeira categoria a ser analisada e discutida é a ascensão social, com base nas perguntas e/ou respostas das entrevistas escolhidas têm em seu contexto, informações sobre a infância carente do jogador entrevistado, a mudança de vida após se tornar um esportista profissional e a adaptação ao exterior.

De acordo com Helal e Murad (1995), os heróis modernos conseguem, por meio de muita luta, ultrapassar os limites pessoais, obstáculos quase que intransponíveis. O herói mítico se expressa por sua trajetória, anseios, temores, esperanças e frustrações da coletividade e estão presentes no mundo moderno, os quais sempre nos deparamos, inclusive no universo do futebol. O esporte moderno é uma pródiga fábrica de heróis, principalmente o futebol, que se destaca como o esporte das

multidões. O futebol brasileiro simboliza, no imaginário do povo, um caminho, um eficiente instrumento para a realização de suas esperanças e de seus desejos, tais como a ruptura com a pobreza e o anonimato.

O sentimento de estar em contato com algum desses heróis ou até mesmo de fazer parte desse seleto grupo é constantemente enaltecido por alguns jogadores de futebol que buscam construir sua própria trajetória de herói, cuja história de conquistas se assemelha ao apresentado por Helal e Murad (1995). E é isso que afirma o jogador 37 (PAVARIN, 2011, p. 92), proveniente de uma cidade do interior de São Paulo, quando perguntado, qual é a sensação de ser escolhido por clubes da Europa:

“Isso passou na cabeça quando cheguei ao Real Madrid. Me apresentei e fui para o treinamento, aí fizemos o bobinho ali e eu olhava Beckham, Zidane, Ronaldo, Roberto Carlos, Robinho. Falava para mim mesmo: ‘Meu Deus, o que estou fazendo aqui?’ Mas aí você esquece tudo. A fé, a vontade e a humildade acabam conquistando amigos.”

Além do sentimento apresentado por alguns jogadores, o de estar em contato com os seus próprios heróis, temos ainda outro exemplo de mito do herói do mundo moderno, dessa vez, o entrevistado-jogador 93 – (PEREYRA, 1986, p. 35.) é supervalorizado, chegando ao *status* de herói para os torcedores do seu novo time.

“Na minha chegada à Turquia, no aeroporto havia 5000 pessoas. Tive que sair no ônibus da polícia [...] a assessoria do Galatasaray um dia me esperou dizendo que uma família tinha uma surpresa. Era uma criança de 13 anos com uma tatuagem com meu nome no braço. Aquilo me assustou.”

A busca constante por reconhecimento, por meio do futebol, e o desejo de “conquistar o mundo com a bola nos pés” faz muitos jogadores brasileiros se iludirem com qualquer proposta apresentada para uma transferência internacional, independentemente do clube e do país, principalmente se esse time for reconhecido mundialmente como um dos melhores. A maioria dos jogadores “promessas” nem chega a completar a idade permitida para uma transferência internacional (18 anos) e já são sondados por clubes estrangeiros. Logo que se torna possível, o garoto é vendido com o sonho de descobrir um mundo novo por meio do futebol; no entanto, nem sempre esse sonho se torna realidade. Por exemplo, o jogador 82 (SOARES, 2010, p. 96) quando questionado se a saída precoce do Brasil o atrapalhou, afirma

“É complicado. Aparece um clube do porte do Barcelona te querendo [...] e no meu caso ninguém se interessou em apresentar um plano como o do Neymar [...]”.

Muitos conseguem alcançar o *status* de herói moderno, vencendo barreiras quase que intransponíveis. A ascensão vitoriosa de um indivíduo é ainda mais valorizada quando ele surge de grupos sociais de baixo nível econômico, para Neves (1982), o “super craque” é aquele que nasceu em uma família de integrantes da pequena burguesia, situação ainda mais significativa se ele for pertencente a grupos raciais “não brancos”.

Neves (1982) afirma ainda, que a conquista do espaço por um jogador trabalhador com base na infância humilde, pode valorizar ainda mais seu *status* de vencedor. Quando comparada à outras profissões, a ascensão do atleta oriundo de família com baixa renda, em geral é a mais rápida e teoricamente, mais fácil.

É interessante a estreita relação entre o que afirma Neves (1982) e o discurso do jogador 127 (POLANCO, 2011, p. 92) quando responde à pergunta se ele imaginava que se tornaria o jogador conhecido que é hoje:

“Não imaginava não, mas a gente vai evoluindo [...] imagina quando comecei: garoto de favela, humilde. Comecei a jogar e não tinha acompanhamento. Aí você vai aprendendo de um jogador mais velho”.

Em outra entrevista é possível perceber o reconhecimento que o jogador 183 (RIBEIRO, 2009, p. 68) dá pelo fato de ter vindo de uma realidade pobre quando afirma:

Eu morava na concentração, comia lá [...] não tinha gastos. Dava para eu me divertir e ainda sobravam uns 250 para mandar para os meus pais [...] eu era pobre, sempre quis ter carrinho, bicicleta, não podia. Vou dar tudo isso para o meu filho, mas quero que ele saiba o valor do dinheiro, que nada é fácil na vida.

Nota-se que não só a mídia, mas também os próprios jogadores procuram, quase sempre, citar a situação social de origem, uma vez que, assim, eles podem se autovalorizar como indivíduos que venceram por meio da luta dentro de um esporte democrático, porém extremamente competitivo.

A segunda categoria a ser discutida é o mau comportamento de jogadores de futebol, dentro e fora de campo. Os trechos escolhidos para a análise dessa categoria têm as seguintes características: vida pessoal, baladas, mulheres e rebeldia. Essa análise não tem por objetivo apontar qual seria o mau comportamento, mas sim apresentar as respostas nas entrevistas escolhidas para que se tenha, como referência atitudes consideradas erradas de acordo com a própria revista, relacionando-as com o que foi apresentado no capítulo do referencial teórico.

Lyra Filho (1983) afirma que a preparação do atleta no seguimento discreto de suas atividades diárias, além da vida desportiva, é chamada treinamento invisível e tem como objetivo avaliar as horas de repouso, as práticas sexuais, os derivativos noturnos, a alimentação e as bebidas que possam comprometer o rendimento do atleta durante os treinamentos e/ou competições.

Algumas práticas citadas pelo entrevistador ou pelo entrevistado, nas revistas, têm relação com comportamentos referentes aos apresentados por Lyra Filho no chamado treinamento invisível, como afirma o jogador 37 (PAVARIN, 2010, p. 190) em resposta à pergunta se havia aprontado muito quando jogava no Brasil:

“Até que não. Tive muitos problemas no Atlético-MG em termos de balada, mulher, essas coisas”.

A outro jogador 51 (RIBEIRO, 2010, p. 94) foi perguntado se a fama de rebelde, que ele possuía quando era mais novo, justificava-se. Ele afirma:

“Falo o que muita gente não tem coragem [...] E, quando surgiu tinha 18 anos, era um jovem que errava, que gostava de sair à noite com os amigos [...]”.

Nota-se que, normalmente, o grande problema para alguns jogadores de futebol é manter-se longe das festas noturnas que, possivelmente prejudicam a condição física apropriada para um esportista profissional. Um dos jogadores entrevistados (79) (OLIVEIRA, 2009, p. 70) é questionado sobre sua preocupação com problemas que podem vir a ter com a vida noturna, como outros jogadores têm quando retornaram ao Brasil, e ele afirma:

“ Gosto de fazer minhas farras, não sou um santinho também. Dá para ter uma vida de atleta, curtir sua família, e dá para você ir a uma balada, pegar suas namoradas, fazer suas farras, tranqüilo. Você não pode só trabalhar, também. Daqui a pouco você não vai dar suas saídas, não vai fazer nada. [...] Não dá. O negócio é manter o equilíbrio.”

Muitos relatos de jogadores apontam a mídia (televisão, rádio, jornais e revistas), produto da Indústria cultural segundo Morin (2005), como a grande responsável por construir uma imagem negativa deles próprios. De acordo com Rouanet (2010), a mídia e a indústria cultural moldam a opinião popular, produzindo conformismo generalizado e atrofia da consciência crítica, fatores esses decisivos para a produção de consenso. Tal afirmação baseia e confirma, possivelmente o relato de alguns jogadores. No decorrer de uma das entrevistas, um deles (20) é questionado sobre a necessidade de privar-se de algumas coisas que gosta de fazer e se isso o incomoda,

ele afirma: “Incomoda, mas isso é melhor do que ficarem inventando coisas sobre a minha vida por aí. Não quero que fiquem fazendo barulho com coisas inventadas”.

Outro jogador, 203, (PIRES, 2011, p. 94), reclama da possível influência da mídia na fama negativa que possui diante da sociedade, a ponto de afirmar que a imprensa é a responsável por ter criado uma acusação de que ele estava alcoolizado e, por isso, causou um acidente: “Esse boato foi plantado na mídia. Daí as pessoas acabam acreditando que eu estava bêbado e causei o acidente”.

Ainda segundo Rouanet (2010), o problema é que dificilmente o espectador duvida da veracidade do que está sendo dito pela mídia e não crê que a versão dos fatos por ela apresentada seja falsa.

Essa fama, seja ela implantada pelos meios de comunicação ou não, pode prejudicar o jogador dentro de campo e qualquer jogada violenta pode ser vinculada à sua personalidade e a seus comportamentos “extracampo”.

Além disso, outro conteúdo a ser selecionado e analisado é o discurso de jogadores que possuíam comportamentos contrários aos de um esportista profissional, segundo a imprensa, mas que depois mudaram suas atitudes e deixaram de ser notícia. Por exemplo, o jogador (20) (PERRONE, 2009, p. 94), quando perguntado sobre o porquê de sua vida pessoal não ser mais notícia constante na imprensa, afirma: “Hoje me privo de muitas coisas para não fazer barulho. Deixo de fazer algumas coisas para não dar margem a esse tipo de maldade”

Nota-se que o problema só se resolveu, aparentemente, após esse jogador mudar seu comportamento, mesmo não afirmando que estava errado, mas sim apontando “outros” como responsáveis pelas notícias de sua vida pessoal. No entanto, em outra entrevista, o jogador 136 (ITRI, 2009, p. 96), ao ser questionado sobre sua melhora após o envolvimento em confusões e brigas do passado, ele afirma que sua mudança de comportamento foi necessária.

“Esse foi um ponto que eu precisei mudar. Hoje não tem mais nada disso comigo. Procuo não me envolver nesse tipo de situação. Foi uma fase ruim que poderia me atrapalhar e muito. Mas que não teve continuidade.”

O mesmo jogador 136 (ITRI, 2009, p. 96), confirma que a mudança de atitude foi determinante para que pudesse chegar à seleção e se firmar no futebol europeu.

[...] Se eu continuasse do jeito que eu estava, muito provavelmente, nada de bom que está acontecendo agora comigo seria realidade. Jogar bola eu sei. Só não fazer mais essas besteiras. Nós já vimos vários exemplos de jogadores – inclusive brasileiros –, que tinham atitudes ruins como as que eu tinha e não conseguiram deslanchar na carreira, chegar a jogar pela seleção brasileira [...]

O jogador de futebol é muito visado pela mídia (RIBEIRO, 2011, p. 94), por seu reconhecimento social, torna-se também alvo fácil da observação e do julgamento de qualquer pessoa à sua volta. A partir dos anos 1940, após o início da profissionalização do futebol, Rodrigues Filho (2003) afirma que os passos dos jogadores de futebol eram seguidos por um serviço de espionagem muito eficiente, realizado pelos próprios torcedores interessados em defender o clube de coração, esses “espiões” não cobravam pelo “serviço”.

Para um dos entrevistados (195), o torcedor não poderia comportar-se dessa maneira, não poderia vigiar os jogadores. Quando perguntado se estaria preparado, em sua volta ao Brasil, para enfrentar a perseguição da torcida conforme havia ocorrido com outro jogador em um bar, ele afirma: “[...] o torcedor tem que entender que o jogador de futebol tem a vida dele fora de campo” (RIBEIRO, 2011, p. 94). Um atleta profissional tem de estar preparado para a “perseguição” da torcida, da imprensa e de todos os outros que estão ligados direta ou indiretamente com o mundo esportivo. A necessidade de o jogador ter um comportamento condizente com o que se espera dele é fundamental para que alcance sua melhor *performance*. A grande parte dos clubes de futebol disponibiliza profissionais de diversas áreas, buscando dar uma base completa, importante para o treinamento de todos os seus jogadores. Lyra Filho (1983) afirma que esse grupo é composto por preparadores físicos, técnicos, médicos, dentistas, massagistas, enfermeiros, nutricionistas e psicólogos.

É importante ainda ressaltar e discutir um ponto de vista contrário ao mau comportamento de jogadores de futebol, a terceira categoria é o bom comportamento de jogadores de futebol, dentro e fora de campo. As características escolhidas para a análise dentro das entrevistas dessa categoria são: ajuda de um jogador aos seus companheiros de time, mudança de atitude e boa educação. Ressalta-se, mais uma vez, que o objetivo deste trabalho não é julgar o que seria um bom comportamento, tampouco apontar atitudes certas ou erradas.

Segundo Neves (1982), mesmo com símbolos existentes que apontam para um nivelamento social, tais como uniforme, objetivos comuns, existência de adversários, recomendações e críticas do técnico, o futebol também possui símbolos que apontam para conquistas individuais e que reafirmam um indivíduo como detentor de uma ascensão vitoriosa, diferenciando-o dos companheiros de equipe. Essa diferenciação é facilmente identificada no valor que é pago a cada um, no que diz respeito ao salário, às quotas de gratificação, bem como, aos direitos de imagem.

No entanto, o jogador 20 (PERRONE, 2009, p. 94), quando perguntado se não considerava ruim para o time a existência da diferença de tratamento entre os jogadores, ele afirma:

“Eu me preocupo com os outros jogadores, principalmente com os mais novos. Tanto que falo para a diretoria pegar essa parte (pequena) do meu salário e usar para pagar os atrasados dos mais jovens. Eles precisam mais. Eles ganham pouco, não conseguem sobreviver dois meses sem receber. O cuidado tem que ser muito maior com quem está começando a carreira agora, ganhando menos, precisando ajudar a família. Não penso só em mim.”

Nota-se o cuidado desse atleta em ajudar os mais novos a lutarem contra uma realidade que, provavelmente, foi a que ele próprio viveu. É interessante também ressaltar, dentro da fala do jogador, o processo evolutivo pelo qual, aparentemente passou. De um jovem que precisava da ajuda dos outros companheiros de equipe a um jogador diferenciado dos demais e que passou a ajudar os outros jogadores iniciantes na carreira e que podem não ter o mesmo futuro vitorioso dele.

O processo de evolução por que passa um jogador de futebol se torna, muitas vezes, necessário, à medida que essa profissão requer constantes mudanças, as quais podem ser decorrentes de fatores diversos, como uma transferência para clubes do mesmo país ou para outros países com cultura e clima diferentes, além de comportamentos dentro e fora de campo.

Em uma das entrevistas, o jogador 29 (PAVARIN, 2010, p. 190) apresenta algumas mudanças por que passou desde o início da carreira quando questionado se, atualmente, é diferente de quando começou.

“Em termos de experiência, sim. Tanto de vida quanto de futebol, mudei bastante, mas a vontade e a qualidade ainda são as mesmas. Sou um jogador que cresceu profissionalmente e como ser humano. Sou uma pessoa mais tranquila, tenho filho, esposa, família e amigos. Sou muito mais tranquilo e mais família que na época que passei no São Paulo, solteiro, quando queria curtir mais a vida.”

A família é uma instituição que passa confiança no que diz respeito à boa influência para um jogador, tanto que é comum no discurso desses profissionais a referência aos membros de sua família, sejam pais, filhos, esposa, enfim todos aqueles que passam uma imagem positiva de base para um indivíduo.

Mais uma vez cita-se o chamado treinamento invisível (LYRA FILHO, 1983) como fator importante para a preparação de um atleta no seguimento discreto das suas atividades, para além da vida desportiva. O cotidiano familiar faz parte desse tipo de treinamento.

Em outra entrevista, um jogador (178) afirma que a família (pai e mãe) foi a responsável por sua formação como indivíduo. Ao ser questionado sobre a imagem

que tem, na visão da imprensa inglesa, de jogador educado e tímido, se isso o ajuda ou o atrapalha, ele afirma (RIBEIRO, 2010, p. 94):

“A educação veio de família. Graças a Deus, meu pai e minha mãe, que não está mais conosco, me educaram muito bem. A timidez é uma coisa minha mesmo. Dentro de campo você tem de perder esse tipo de coisa, mostrar quem você é [...] mas fora de campo nunca mudei.”

Berger e Luckman (1985) afirmam que um indivíduo absorve papéis e atitudes dos outros significativos e os interioriza, quando criança. Só há interiorização quando há identificação com os outros significativos. É assim que a criança torna-se capaz de identificar a si mesma, adquirindo uma identidade coerente e plausível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa não foi realizada com o intuito de chegar a uma conclusão sobre o tema abordado, muito menos apontar uma verdade única. O objetivo do artigo é dar continuidade à essas investigações científicas e ampliar o espaço para outras na mesma área, promovendo uma completude acerca do tema debatido neste artigo.

A contribuição teórica dos autores utilizados nos possibilitou entender o caminho histórico e conceitual dos estudos sobre a cultura, bem como, sua relação com as sociedades e uma influência nas mesmas. Permitiu-nos também analisar teoricamente, sob a perspectiva cultural, o que alguns jogadores entrevistados pela fonte primária afirmam em suas relações com outros grupos sociais e sua adaptação a diferentes culturas, quando se transferem para clubes estrangeiros.

No que diz respeito à psicologia social, sua contribuição ao presente estudo está no fato de ela possibilitar, para nós, a articulação entre diferentes áreas, englobando a própria psicologia, a sociologia, a antropologia, a educação física, entre outras.

Ao final da análise dos dados, notam-se as seguintes características na fala dos jogadores:

- Discurso sobre o sonho de ser jogador de futebol que tinham quando criança;
- Ênfase na ascensão individual. Aqueles nascidos em uma realidade de pobreza apontam isso constantemente em seus discursos;
- As chamadas “baladas” ou festas noturnas são tidas como um dos grandes problemas de alguns jogadores.

Por meio da análise das entrevistas, notamos que, aparentemente, o comportamento dos jogadores de futebol, que concederam entrevistas à revista *Placar*, suas ações e o julgamento social que a mídia faz deles não podem ser relacionados à sua origem humilde. Mesmo que haja essa relação, não podemos afirmá-la com entrevistas utilizadas.

Entendemos que pesquisas voltadas para o estudo da ascensão social de jogadores de futebol devem ser contínuas. Sua abordagem deve-se dar não apenas sob a perspectiva sociológica, mas também psicológica e antropológica. A importância de uma investigação interdisciplinar nesse tema tem por objetivo buscar uma melhor compreensão do universo desse grupo de profissionais que possuem grande influência social, tidos muitas vezes, como heróis modernos.

Precisamos ainda buscar mais recursos para uma compreensão plena desse universo esportivo no qual os jogadores de futebol estão inseridos. Chegar à plenitude em um único trabalho é praticamente impossível, mas cremos ser possível chegar a uma prática bem sustentada, ou seja, a um treinamento individual completo que distinga o ser humano de interesses pessoais, preparando-o para a vida esportiva. Logo, deixamos aqui um “pontapé inicial” nessas discussões, aliás, mais um “passe” com o objetivo de ser chegar ao “gol”.

OF SLUM TO THE FIELDS: THE RISE OF PROFESSIONAL SOCCER PLAYERS

Abstract: This research aims to analyze the speech of soccer players in activity, who emerged through the social practice of this sport, in order to try identify if there is a relationship between their attitudes and the fact that they are from families with low finance. The methodology adopted was the documentary analysis content technique; reports interpretation in *Placar* magazine, primary source, was chosen for this paper. From survey of cited magazines were selected nineteen interviews of professional soccer players, divided into the following categories: social ascension, misbehaving inside and outside of field, good behavior inside and outside of field. It is observed through the analysis that there is no relationship between the behavior of soccer players interviewed by the magazine above mentioned and the fact that they coming from humble families.

Keywords: culture; sport; football.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 3. ed. Lisboa: Ed. 70, 1997.
- BAUMAN, Z. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BAUER, M.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um guia prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento**. Tradução Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.
- DAMATTA, R. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: _____. (Org.). **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAMATTA, R. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 10-17, 1994.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Tradução Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DURAND, G. **L'imagination symbolique**. 3. ed. Paris: Quadrige, 1993.
- EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. Tradução Sandra Castello Branco. São Paulo: Unesp, 2005.
- EWALD, A. P.; SOARES, J. C. Identidade e subjetividade numa era de incerteza. **Estudos de Psicologia**, v. 12, n. 1, p. 23-30, 2007.
- HALL, S. **Da Diáspora: Identidades e Mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HELAL, R. **Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HELAL, R.; MURAD, M. Alegria do povo e Don Diego: reflexões sobre o êxtase e a agonia de heróis do futebol. **Revista Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 63-79, 1995.
- ITRI, B. Sem olhar para trás. **Revista Placar**, São Paulo, p. 96, 2009.
- LYRA FILHO, J. **Cultura e desporto**. Rio de Janeiro: 1978.
- LYRA FILHO, J. **Introdução à psicologia dos desportos**. Rio de Janeiro:, 1983.
- MAFFESOLI, M. **La connaissance ordinaire: precis de sociologie comprehensive**. Paris: Librairie des Méridiens, 1985.
- MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: neurose**. Tradução Maura Ribeiro Sardinha. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

MURAD, M. O lugar teórico da sociologia do futebol. **Revista Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 101-115, 1995.

MURAD, M. Corpo, magia e alienação: o negro no futebol brasileiro. **Revista Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, n. 0, p. 71-78, 1998.

MURAD, M. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

NEVES, L. F. B. Na zona do agrião, algumas mensagens ideológicas do futebol. In: DAMATTA, R. (Org.). **O Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakothéke, 1982.

NEVES, L. F. B. Da construção do Conceito de Violência. **Pesquisa de Campo. Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 7-16, 1995.

NEVES, L. F. B. **A construção do discurso científico**. Implicações socioculturais. Rio de Janeiro: EdUERj, 1998.

OLIVEIRA, J. Do pó voltarás. **Revista Placar**, São Paulo, p. 70, 2009.

ORTIZ, R. A escola de Frankfurt e a questão da cultura. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 6, p. 1-40, 1986.

PAVARIN, G. Aqui é o meu lugar. **Revista Placar**, São Paulo, p. 190, 2010.

PEREYRA, D. *Um guerreiro sem limites*. Revista Placar, São Paulo, p. 35, 1986.

PERRONE, R. **Revista Placar**, São Paulo, p. 94, 2009.

PIRES, B. O animal ainda rosna. **Revista Placar**, São Paulo, p. 94, 2011.

POLANCO, J. Moleque calejado. **Revista Placar**, São Paulo, p. 92, 2011.

REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, 1970- Mensal.

RIBEIRO, F. A ponte de Madson. **Revista Placar**, São Paulo, p. 68, 2009.

RIBEIRO, F. De praia em praia. **Revista Placar**, São Paulo, p. 94, 2010.

RIBEIRO, F. Sem filtro nem freio. **Revista Placar**, São Paulo, p. 92, 2011.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

ROUANET, S. P. Adorno e a crítica da Barbárie: um olhar psicanalítico. In: SOARES, J. C. (Org.). **Escola de Frankfurt**: inquietudes da razão e da emoção, Rio de Janeiro: EdUERj, 2010.

SOARES, F. Correção de Rota. **Revista Placar**, São Paulo, p. 96, 2010.

Contato

Carlos Eduardo Senareli Teixeira
E-mail: kadust2005@yahoo.com.br

Tramitação

Recebido em 24 de fevereiro de 2014
Aceito em 20 de outubro de 2016